



Além do esgotamento das estratégias para avançar sobre o eleitorado e conquistar o voto dos indecisos, campanhas de Lula e Bolsonaro tentam entre empresários levantar recursos para propaganda, na semana que antecede o 1º turno

Candidatos “passam o chapéu” na reta final

» DENISE ROTHENBURG

Os comandos de campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) e de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) passaram o último fim de semana num trabalho intenso de bastidores junto ao empresariado em busca de mais recursos para inundar estes últimos dias com propaganda. É que, até aqui, ninguém conseguiu cumprir a expectativa do que esperava arrecadar junto ao segmento mais abastado da sociedade e é preciso mais recursos para tentar cumprir os planejamentos de cada um.

O petista e seus aliados jogam tudo em busca de uma vitória no primeiro turno. Bolsonaro, por sua vez, também não abandonou o sonho de vencer em 2 de outubro, embora as pesquisas indiquem

que está em desvantagem.

Da parte do comitê de Lula, a ordem é deixar as “sandálias da humildade” de lado e partir para recriar o clima de Diretas Já, que levou à vitória de Tancredo Neves no colégio eleitoral, em 1985. Mas não terido ao debate do último sábado fragilizou esse discurso, uma vez que, conforme colocado por todos os candidatos presentes ao evento, cabe a quem defende a democracia estar sempre pronto para debater.

A ausência de Lula animou os adversários a tentar tirar votos do petista. Ciro Gomes (PDT), por exemplo, dedicará os próximos dias a torpedear a campanha do voto útil no petista. Ele tem terminado todas as sabatinas de que participa com apelos para que o eleitor lhe dê uma chance de governar o país e saia da polarização.

Tanto Ciro quanto Simone Tebet (MDB) foram apontados, ao final do debate, como os presidenciáveis de melhor performance. Os dois diferem, porém, no quesito “alvo preferencial”. Enquanto Ciro tenta tirar votos de Lula, Simone tem sido mais incisiva contra Bolsonaro, de olho naqueles que se decepcionaram com o atual presidente, mas rejeitam Lula.

O ponto alto desta semana será o debate da Rede Globo, quinta-feira, às 22h30, que terá a participação do petista. No comitê de Lula, há quem defenda que ele adote um estilo moderado, sem sequer levantar o tom de voz.

Porém, para animar a militância, que costuma ser muto eficiente nos dias que antecedem a eleição, há dentro do PT quem diga que o presidente tem que partir

para cima dos adversários e rebater os ataques à altura para mostrar energia. “Os eleitores de Lula gostam daquele tom mais aguerido, que mobiliza mais a militância”, lembra o cientista político Rafael Favetti, que acompanhou todas as últimas eleições.

Exaustão

Da parte de Bolsonaro, a presença no último debate também está confirmada e ele, mais uma vez, pretende aproveitar a oportunidade para defender as obras que seu governo — como enfatizar que foi ele que elevou o Auxílio Brasil a um valor superior ao antigo Bolsa Família, criado na gestão de Lula.

A avaliação dos analistas é de que as armas de cada candidato para o primeiro turno se esgotaram

e o eleitor, daqui até o próximo domingo, estará cada mais silencioso e pensativo. “Mesmo a campanha negativa, de críticas aos adversários que cada candidato faz, tem um limite”, adverte Leonardo Barreto, da Vector Consultoria. Para ele, as campanhas chegam à reta final esgotadas em matéria de estratégias.

“A impressão que se tem é de que as cartas que cada candidato tinha para colocar sobre a mesa já foram postas”, afirma.

A ideia de algumas campanhas, porém, além de expor as contradições e erros dos adversários, é mostrar capacidade de mobilização. Aliados de Bolsonaro, por exemplo, planejam uma grande motociata para o último dia de campanha de rua. Há quem diga que, a depender do número de pessoas que o presidente conseguir reunir,

estará dado o lastro para reclamar das urnas em caso de um resultado muito desfavorável — ou das empresas de pesquisa, no caso de o presidente chegar na frente.

Já o risco de escalada da violência tornou-se a principal preocupação do Tribunal Superior Eleitoral, que passa esta semana em alerta máximo. Isso porque, no sábado, uma militante de esquerda foi agredida por um bolsonarista, em Angra dos Reis (RJ), e tomou uma paulada na cabeça. E ontem, na Avenida Paulista, Guilherme Boulos — que tenta a eleição a deputado federal pelo PSol — foi acusado de agredir um militante do MBL, durante uma caminhada. Uma confusão se formou, o pai do jovem acusou o candidato de agressão, que por pouco não foi preso. Quando os ânimos se acalmaram, Boulos deixou o local.



Presidente come frango em quiosque no Guarã II. Live da noite foi em uma sala descaracterizada



Na quadra da Portela, Lula proclamou inocência e garantiu que a Petrobras continuará estatal



Simone ficou em São Paulo, onde fez campanha, e desejou votos de ano novo à comunidade judaica



Ciro também fez campanha no Rio, voltou a atacar o PT e prometeu um manifesto para hoje

Bolsonaro faz live eleitoral, só não diz onde

» INGRID SOARES
» SARAH PAES

Apesar de classificar de “estapafúrdia” a decisão do corregedor-geral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Benedito Gonçalves — que o proibiu de fazer lives com propaganda eleitoral em instalações do governo —, o presidente Jair Bolsonaro aparentemente cumpriu a decisão da corte na apresentação de ontem, nas redes sociais. Isso porque estava em uma sala com

fundo branco, com uma bandeira do Brasil na parede, que pode ser ou não no Palácio da Alvorada.

No último sábado, Gonçalves mandou tirar do ar a live da última quarta-feira, quando o presidente fez propaganda eleitoral para aliados usando a estrutura do Palácio da Alvorada, e o proibiu de continuar a fazê-lo. Em conversa com jornalistas, enquanto comia frango em um quiosque no Guarã II, afirmou que continuaria fazendo as transmissões pela web, mas não disse se seria no Alvorada.

“É a minha casa. Quando cheguei, desliguei o aquecedor da piscina. É mais de R\$ 10 mil (de economia) por mês. Vou fazer live. É uma decisão estapafúrdia, invasão de propriedade privada. Enquanto eu for presidente, lá é minha casa”, protestou.

No Rio de Janeiro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva esteve na quadra da escola de samba Portela, em Madureira, na zona norte do Rio, acompanhado do prefeito da capital fluminense Eduardo Paes (PSD). Afirmou

a apoiadores que o “Estado terá que ressarcir-lo” pelos processos em que foi investigado e acusado de corrupção durante a Operação Lava-Jato. O petista disse que foi absolvido nas ações que responde e que provou a parcialidade do ex-juiz Sergio Moro e do procurador Deltan Dallagnol.

Lula disse também que, se for eleito, vai “acabar com esta estupidéz de querer privatizar a Petrobras”. “Primeiro, preciso conhecer o que foi feito. Venderam a BR (distribuidora) com o argumento

que a BR tem o monopólio. Há 392 empresas importando gasolina dos Estados Unidos pagando em dólar”, observou.

Ciro Gomes (PDT) também passou o dia em campanha no Rio e disse que o crime organizado tomou conta da política fluminense com apoio do PT. “Com o apoio do PT, o crime organizado tomou conta do Palácio Laranjeiras. É uma coisa impressionante a quantidade de governadores que foram do Palácio para a cadeia”, disse a apoiadores e

correligionários na Avenida Atlântica. Pelas redes sociais, o candidato anunciou que apresentará um manifesto à Nação, hoje, às 10h. O pedetista vem sendo duramente atacado na web pela estratégia de tentar desidratar Lula.

Já Simone Tebet (MDB) permaneceu em São Paulo e participou do evento Luta por Moradia, em Santana, na zona norte. Pelas redes sociais, desejou um feliz ano novo à comunidade judaica brasileira — cujos festejos começaram ontem e vão até amanhã.